

## ADRIANA FERNANDES



E-MAIL: ADRIANA.FERNANDES@ESTADAO.COM

# Cansaço

O Renda Brasil se transformou no estranho caso do programa que nem mesmo nasceu, morreu e ressuscitou no dia seguinte. O disse me disse desta semana em torno do Renda Brasil do presidente Bolsonaro revelou a dificuldade que é colocar de pé um programa social com mais dinheiro e beneficiários, sem uma afinização entre as áreas econômicas e social, o Palácio do Planalto, líderes partidários e os parlamentares.

O cansaço do debate está visível, como reclamou a presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), Simone Tebet. As semanas começam e terminam no mesmo ponto. Não há avanço concreto. Em alguns casos, retrocesso. E já esta-

mos no final de setembro com o fim do auxílio emergencial chegando junto com o aumento da fome.

É um erro achar que agora, com o apoio do Centrão, tudo poderá ser aprovado. O Centrão vai até aonde a corda estica. O imbróglio em torno da desindexação dos benefícios previdenciários, medida já tentada no passado e sempre abortada, mostrou o deslocamento entre o desejo antigo da equipe econômica e a realidade.

Do jeito que está hoje o arranjo da política fiscal e o teto de gastos, o programa não sai sem medidas duras que terão que ser apresentadas pelo Congresso e aprovadas.

Bolsonaro quer que os parlamentares aproveitem o novo programa sem patrocinar nenhuma delas: nem para ti-

rar dos “pobres para os paupérrimos” e nem para tirar dos “ricos e privilegiados para os pobres e paupérrimos”. Não tem jogo, embora a segunda opção esteja sendo cobrada pela sociedade e a maioria dos políticos continue cega para essa demanda.

Tem muito negociador político que parece não entender esse ponto ou está de má-fé empurrando com a barriga a confusão para ver quem cai primeiro.

### O Renda Brasil não sai sem medidas duras que terão de ser aprovadas pelo Congresso

A sucessão no início de 2021 do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM RJ), que abraçou a pauta econômica de Guedes e do mercado, deve ser o ponto final da inflexão de política econômica que começou com a pandemia. Quando fevereiro chegar lá, veremos o time mudar de campo de vez. Essa é o cálculo político de quem está embaralhando as cartas. Se nada mudar, provavelmente ficaremos nesse rame-rame até lá.

Ganha força agora a ideia de aprovar

o Renda Brasil no Orçamento com despesas condicionantes. A estratégia já foi usada na “regra de ouro” (que impede o governo de fazer dívida para pagar despesas correntes).

Funciona assim: a fonte de financiamento fica carimbada no Orçamento com a condicionante de aprovação de uma determinada medida. O gasto só pode ser feito se a medida de corte de despesa for aprovada. Ou seja, o Renda Brasil aumenta além dos recursos destinados ao Bolsa Família em 2021 – R\$ 35 bilhões – se as medidas forem votadas.

Se for esse o caminho para arrumar mais dinheiro para a área social e os investimentos necessários à retomada, o Congresso deveria aproveitar o impasse fiscal em torno da criação do programa social para aprovar o projeto de revisão periódica de gastos. Resolveria de cara um problema recorrente: planejamento.

É bom esclarecer que revisão de gastos não é o mesmo que avaliação da eficiência dos programas governamentais.

A revisão (spending reviews, em inglês) tem como produto a obrigatorie-

dade de cortar os gastos, explica o economista do Senado Leonardo Ribeiro, que estuda o tema há quatro anos. Ribeiro ressalta que essa prática institucionalizada como regra passou a ser adotada por vários países depois da crise financeira internacional de 2008.

Antes da crise, alguns países da Europa, como Dinamarca, Finlândia, Reino Unido, e a Austrália, já usavam esse modelo. Mas foi depois do terremoto financeiro que a maioria dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) passou a adotar a revisão.

Historicamente, o Brasil tem dificuldade em cortar despesas e renúncias fiscais. Um ponto de partida importante foi essa semana inclusão da necessidade de uma revisão periódica de gastos no relatório da Comissão Mista do Congresso da covid-19. Pode ser um começo. Ou recomeço.

\* REPÓRTER ESPECIAL DE ECONOMIA DO ESTADÃO EM BRASÍLIA

SEG. Luiz Carlos Trabuco Cappi (quinzenalmente) | TER. Ana Carla Abrão, Pedro Fernando Nery e Demi Getschko (quinzenalmente) | QUA. Fábio Alves | QUI. Zeina Latif | SEX. Elena Landau (quinzenalmente) e Pedro Doria | SAB. Adriana Fernandes | DOM. José Roberto Mendonça de Barros (quinzenalmente) e Affonso Celso Pastore (quinzenalmente), Paulo Leme (1º domingo do mês), Roberto Rodrigues (2º domingo do mês), Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

# Bolsa tem baixa de 1,81% e dólar chega a R\$ 5,37

Segundo analistas, negócios foram afetados por cenário negativo no exterior, mas preocupação com situação fiscal no País também pesou

**Luis Eduardo Leal**  
**Altamiro Silva Junior**  
**Mateus Fagundes**

Sob influência negativa principalmente dos negócios no exterior, o Ibovespa fechou ontem em queda de 1,81%, aos 98.289 pontos, o menor patamar desde 7 de julho (97.761,04 pontos). Foi a terceira semana consecutiva de baixa, com perdas de 1,09% no

mês e de 15% no ano. Já o dólar registrou alta de 2,79% e chegou a R\$ 5,37, em novo dia em que o real teve o pior desempenho considerando uma cesta com 34 moedas.

Segundo analistas, novos sinais de piora da relação entre Estados Unidos e China – envolvendo agora o aplicativo TikTok –, a indefinição sobre a eleição presidencial americana e o aumento de casos de coronavírus

na Europa, alimentando dúvidas sobre uma retomada da atividade produtiva global, ajudaram a pressionar as bolsas e as moedas de países emergentes.

Apesar de terem diminuído o ímpeto de baixa na hora final do pregão, as bolsas nos EUA terminaram em queda de 1,07% (Nasdaq) e de 0,88% (Dow Jones). Um movimento técnico em Nova York também potencializou a aversão ao risco na tarde de on-

tem: o chamado “quadruple witching”, com o vencimento simultâneo de vários tipos de contratos de ações e índices no chamado mercado futuro.

“O viés é negativo. O Ibovespa parece mais perto de se direcionar aos 96 mil pontos no curto prazo do que voltar a testar os 103 mil, uma região de ‘ursos’ defendendo posição. Ainda temos uma correção normal, como no exterior, com a diferença de que lá fora andou bem mais. Aqui, as incertezas fiscais e políticas continuam pesando, assim como a falta de reação das ações de bancos”, disse Márcio Gomes, analista da Necton.

Entre os papéis com as maiores quedas ontem, estavam Cielo (em baixa de 6,58%), seguida por Lojas Renner (4,97%), BTG (4,97%) e IRB (4,91%). Entre as blue chips, perdas acima de 2% para Petrobrás – 2,26%, para as ações PN, e 2,23% para as ON – e

● **‘Viés negativo’**  
**“O viés é negativo. O Ibovespa parece mais perto de se direcionar aos 96 mil pontos no curto prazo do que voltar a testar os 103 mil pontos, uma região de ‘ursos’ defendendo posição.”**

**Márcio Gomes**  
ANALISTA DA NECTON

de até 2,57% para bancos (caso do Santander).

**Dólar.** No caso do dólar, segundo analistas, as preocupações com a situação fiscal do governo no Brasil também contribuíram para enfraquecer ainda mais o real nas operações no mercado doméstico. Enquanto o dólar subiu 2,79% no País, avançou 1,1% no México, 0,81% na África do Sul e 0,88% no Chile.

Profissionais das mesas de câmbio mencionaram ainda que a decisão do Banco Central de fazer ontem um leilão de rolagem de linha que vence em outubro, no valor de US\$ 4,15 bilhões, acabou “estressando” mais o mercado. Normalmente, leilões desse tipo são feitos sempre na semana final de cada mês.

“Está faltando liquidez no mercado e o leilão acaba atraindo gente que não está na rolagem”, afirmou o chefe da mesa de câmbio da Terra Investimentos, Vaneir Nagem.

Já o Credit Default Swap (CDS) de 5 anos do Brasil, termômetro do risco-País, bateu em 207 pontos, ante 199 pontos na quinta-feira, de acordo com cotações da IHS Markit. No começo do mês, o CDS havia caído para 195 pontos, mas o aumento do ruído entre o presidente Jair Bolsonaro e a equipe econômica tem pressionado as taxas.

## SUMMIT IMOBILIÁRIO BRASIL 2020

MERCADO IMOBILIÁRIO:  
ALAVANCA DA ECONOMIA NACIONAL

Evento online e gratuito, com a presença dos principais líderes e CEOs do setor.

### PRESENCAS CONFIRMADAS



**Ana Maria Castelo**  
Coordenadora de projetos da construção do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre-FGV)



**André Czitrom**  
CEO da Magik JC



**Sr. Basilio Jafet**  
Presidente do SECOVI-SP



**Flavio Amary**  
Secretário de Estado da Habitação de São Paulo



**Heverton Peixoto**  
CEO-presidente da Wiz



**José Ramos Rocha Neto**  
Diretor Executivo do Bradesco



**Ricardo Birmann**  
Diretor-presidente da Urbanizadora Paranoazinho



**Sandro Gamba**  
Diretor executivo de Negócios Imobiliários do Santander Brasil



**Teresa Roscoe**  
Professora Associada da Fundação Dom Cabral

INSCRIÇÃO GRATUITA

APROVEITE A OPORTUNIDADE E FAÇA SUA INSCRIÇÃO



TRANSMISSÃO AO VIVO pelas redes sociais do Estadão e Secovi-SP

Mais informações: <https://summitimobiliario.com.br/>

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO OURO



PATROCÍNIO



APÓIO

AGÊNCIA PARCEIRA

